

Estilos de vida e mediação de design na construção de cenários sustentáveis

Lifestyles and design mediation in the construction of sustainable scenarios

MENDES, Mariuze Dunajskiⁱ

MEDEIROS, Jusmeriⁱⁱ

ONO, Maristela M.ⁱⁱⁱ

design, estilos de vida, cenários sustentáveis

Resumo

A sociedade moderna, condicionada, em certa medida, pela racionalidade técnica, que promoveu a reconfiguração de espaços de socialização e de expressão, modificando valores e hábitos, influenciando culturas e a construção de identidades no mundo. Este artigo apresenta algumas considerações sobre possibilidades de mudança com a criação de novos cenários de vida, baseados na comunicação e ações colaborativas, mediadas por projetos e ações de design. A interação entre sujeitos e destes com o mundo é mediada por artefatos, que podem produzir, sustentar ou transformar culturas e práticas sociais. Os artefatos, vinculados à linguagem, comunicam certas identidades e estilos de vida, propiciando múltiplas interpretações e significados, podendo: identificar ou distinguir, revelando a imaginação, ações criativas e a relativa liberdade de escolha de caminhos. Ao designer cabe o papel de auxiliar no desenvolvimento de sistemas de produtos e serviços que promovam estilos de vida e a emancipação dos sujeitos, relações cooperativas e harmoniosas entre estes, voltados à sustentabilidade, em suas dimensões ambientais, culturais, econômicas, políticas e sociais .

design, lifestyles, sustainable scenarios

Abstract

Modern society was conditioned in certain way by a technical rationality, which promoted the reconfiguration of spaces of socialization and expression, changing values and habits, influencing cultures and the construction of identities in the world. This paper presents some considerations about some possibilities of changing by creating new scenarios of life, based on communication and collaborative actions, mediated by projects and design actions. The interaction between people, and between people and the world, is mediated by artifacts that may produce, maintain or change cultures and social practices. The artifacts, which are linked to language, communicate certain identities and lifestyles, affording multiple interpretations and meanings that may identify or distinguish, revealing the imagination, creative actions and the relative freedom for choosing ways. It is up to the designer the role of contributing in the development of products and services systems that promote lifestyles, people's emancipation, cooperative and harmonic relationships, aiming at sustainability in its environmental, cultural, economic, political and social dimensions.

1 Introduzindo: limites e possibilidades

As pesquisas sobre o tema sustentabilidade e design avançam, tomando diferentes rumos que incluem: o *redesign* do existente; novos materiais e processos produtivos; a análise de ciclo de vida de produtos; o projeto de sistemas de produtos/serviços; até a chamada “desmaterialização” do design. Neste contexto, são os estudos que refletem sobre mudanças de comportamento e cultura do consumo e estilos de vida que buscam transformações mais profundas e expressivas. Ao propor certas transformações e rupturas com atuais estilos de vida, presumivelmente “insustentáveis”, da forma como se apresentam, a atividade de design poderia auxiliar no projeto de mudanças sistêmicas voltadas a um futuro sustentável.

Anais do

2º Simpósio Brasileiro de Design Sustentável (II SBDS)

Jofre Silva, Mônica Moura & Aguinaldo dos Santos (orgs.)

Rede Brasil de Design Sustentável – RBDS

São Paulo | Brasil | 2009

ISSN 21762384

Refletir sobre o termo sustentabilidade implica considerar um panorama intrinsecamente vinculado ao social, transformando certos padrões até então dominantes, ou, como cita Velho (2003), “metamorfosando” cenários de vida, e, a partir do contexto presente e da história, encontrar novos rumos voltados à uma condição sistêmica de sustentabilidade.

O tema sustentabilidade passou a compor agendas de discussão em todo mundo a partir da Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento - Rio 92 - quando se questionou que o desenvolvimento, nos padrões até então propagados, levaria, inevitavelmente, ao esgotamento dos recursos naturais e à incapacidade de renovação dos ecossistemas. A partir daí, iniciaram-se pesquisas e geraram-se documentos para compor uma agenda mundial para a “sustentabilidade ambiental”, com base no princípio da justiça social e equidade de direitos, em termos de qualidade de vida.

Segundo algumas pesquisas, para que não haja o comprometimento futuro dos recursos ambientais, ter-se-ia que utilizar apenas 10% dos recursos consumidos hoje (WBCSD, 1993 : 1995), ou seja, reduzir drasticamente o consumo. Mas, viver bem com menos é um desafio que prevê transformações comportamentais, novas referências culturais e sociais, a redefinição de significados e valores em relação aos bens de consumo e novos estilos de vida.

A sociedade moderna, principalmente a partir da Revolução Industrial, foi construída eliminando-se certos espaços de convívio social, bem como das pessoas com a natureza, com a emergência de uma multiplicidade de novos produtos e serviços, que passaram a promover novas relações entre as pessoas e destas com a cultura material.

Conforme Lévi-Strauss (1972), na sociedade humana, coexistem pressões no sentido da homogeneização e da diversificação. Assim, por um lado, as pessoas tendem a incorporar certos valores e comportamentos, condicionadas por determinadas normas e em vista de fatores ambientais, socioculturais, econômicos e de poder, e, por outro lado, necessitam diferenciar-se, construir uma identidade particular.

A mediação das atividades das pessoas por artefatos técnicos, desenvolvidos e produzidos por terceiros, não raro reduzem a ação criativa no cotidiano. Extensivamente, sufocaram-se muitos dos sonhos e desejos das pessoas, “aprisionadas” em uma racionalidade técnica, ditada por mecanismos de moda e distinção, limitantes das escolhas.

Galimberti acredita que a técnica deixou de ser um meio e passou a ser um fim. Não mais um instrumento à nossa disposição, mas o próprio “ambiente” que nos envolve e nos “constitui”, subordinando a existência do homem às exigências dos artefatos técnicos. A técnica, não sendo neutra, cria um mundo que não podemos deixar de habitar, e, nele habitando, assumimos hábitos que nos transformam. Nossos sonhos, desejos, objetivos, ações, quando articulados pela técnica, tornam-se dependentes dela para se expressarem. Para o autor, é necessária uma revisão até mesmo dos cenários a-históricos, pois, se a técnica acaba sendo um dos últimos horizontes que abrem campos da experiência, o sujeito da história não é mais o homem, mas a técnica, que dispõe da natureza como seu fundo e do homem como “funcionário” (1999).

A própria liberdade “é determinada pela competência técnica. As pessoas podem ‘escolher só enquanto [conseguem] ser tecnicamente competentes’. O indivíduo entra em crise, porque, na idade da técnica, por causa dos meios de comunicação, cada indivíduo pensa o que pensam todos...” (Galimberti : 2003).

Sob este prisma, a fim de emancipar-se, é necessário ir além da técnica, buscando ações e formas mais harmoniosas de viver e conviver sustentavelmente, revendo relações ambientais, econômicas, sociais e de poder, posse e usos de artefatos no cotidiano.

2 Cenários sustentáveis: novos estilos de vida, consumo e práticas sociais

Projetar novos cenários é um dos grandes desafios do designer. O desenvolvimento de artefatos necessita promover estilos de vida que valorizem e propiciem o agir ecológico/sustentável, coerentes com demandas sociais, culturais e ambientais contemporâneas.

De acordo com Manzini e Vezzoli (2002), a sustentabilidade ambiental é uma condição sistêmica a ser alcançada e não, como muito se tem dito, uma direção na qual se deva ir, e

práticas relacionadas a estilos de vida que integrem conjuntos de ações voltadas à sustentabilidade são formas de alcançar tal condição. Manzini e Jégou citam o exemplo das comunidades criativas, que compartilham produtos e serviços, gerando alternativas para a “desmaterialização” do consumo (2003).

Alguns pesquisadores (Margolin; Manzini; Vezzoli; Jégou; dentre outros), propõem algumas orientações estratégicas mediadas pelo design, mudando o centro de interesse das coisas para as ações, assim delineando alternativas organizativas que permitam planejar processos de sistemas sustentáveis.

Ao refletir sobre o universo material e imaterial que os artefatos significam e representam, o design, vinculado ao planejamento e à produção destes, passa a ser uma atividade fundamental nas políticas e *projetos* de transformação social. A produção, representação, circulação e consumo de produtos estão ligados a processos criativos, resultantes de uma relação dialógica de negociação cotidiana, em contextos de uso específicos, que aproximam artefatos e culturas, sendo estes mediadores de práticas que definem certos estilos de vida. Pensar os artefatos¹ a partir dos significados que os indivíduos atribuem na circulação, na sua utilização cotidiana, é a proposta inicial deste trabalho, com base principalmente nas abordagens de Appadurai e Kopytoff (1991), sobre a *vida social das coisas*, e de Velho (1987), sobre *projetos*.

Significados são atribuídos aos artefatos, em diferentes contextos, pelos indivíduos e sociedades, traçando biografias culturais dos mesmos, apontando *rotas*, que são trajetórias de duração variável na existência dos artefatos, normalmente coladas na esfera da produção; e *desvios*, que representam interesses individuais ou de grupos, mediados por *projetos*, estilos de vida, fatores condicionantes como a moda, e apropriações e/ou (re)significações criativas ocorridas nas esferas da circulação e consumo.

Desta forma, além das análises clássicas sobre ciclo de vida de produtos e sistemas de produto/serviço, que envolvem a *produção*, *circulação* e o *consumo* - temas centrais na análise do valor dos artefatos - considera-se importante pensar também nos espaços de significação de artefatos na vida cotidiana, entendendo-os como mediadores capazes de produzir, manter ou transformar culturas, apontando possibilidades para um caminho voltado à condição sistêmica e ao agir sustentáveis, por vias da adequada intensificação e extensão no uso de artefatos.

Os artefatos, como mediadores de práticas e imaginários das pessoas, contribuem para a constituição das identidades sociais, tornando-se símbolos contemporâneos de identidades. Ao vincular artefatos a projetos de sustentabilidade, o designer passa a ser intérprete de certas demandas sociais e ambientais atuais, e, de certa forma, mediador ou facilitador de novas formas de socialização, estilos de vida e identidades. O ato projetual tem potencial de inovação, não só no sentido de criar novos produtos, mas também de traduzir criativamente permanências e mudanças na ordem do cotidiano, nas relações entre pessoas e artefatos, delimitando espaços de identidades e diferenças.

Novos estilos de vida, a partir de novos hábitos, demandam novas estratégias e alternativas de projeto de artefatos e sua inserção nos contextos. Bourdieu (1990 : 256) aponta que as internalizações e estratégias de ação em “estruturas estruturantes estruturadas” são fomentadas por meio de categorias comuns de percepção e apreciação em uma relação opaca de “cumplicidade ontológica”, a partir de princípios de “sociação” ou “individuação, criando *habitus* em uma combinação de esquemas do mundo. Estes podem ser ao mesmo tempo estruturados (referindo-se a meios sociais do passado) e estruturantes (das representações e ações presentes). O *habitus*, por sua vez, faz as pessoas agirem de determinada forma, sendo práticas constitutivas de determinado estilo de vida.

Os *estilos de vida*, assim, são produtos de *habitus*, expressos por sinais distintivos ou classificatórios (*gostos*) que aproximam ou diferenciam indivíduos e grupos sociais. Para Bourdieu, a propensão e aptidão para a apropriação – material e/ou simbólica - de determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificantes é a forma geradora que se encontra na origem do estilo de vida, conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica distintiva de cada um dos sub-espços simbólicos – mobiliário, vestuário, linguagem ou *hexis* corporal – a mesma intenção expressiva (2007 :165).

Para Bauman, a individualidade só é válida se for aceita pelos outros, em códigos partilhados. O mercado oferece “imagens de identidade”, já “aprovadas socialmente”, inerentes aos aparatos técnicos ofertados, que mediam o “relacionamento do indivíduo com a natureza e a sociedade”, controlando, em certa medida, a vida cotidiana (1999 : 225).

Segundo Sahlins há níveis específicos de estilos de vida relacionados a sistemas totêmicos, que podem constituir ou reforçar padrões sociais. Os artefatos com aceitação social desenham projetos de vida. Estes, por sua vez, podem ou não ser concretizados, constituindo biografias de vida, valendo lembrar que estas se constroem inter-relacionadas a um conjunto de fatores e contextos dinâmicos e variáveis.

Os significados dos artefatos são substanciados não só por aspectos materiais e relações de uso, mas também pela memória, história e cultura, envolvendo relações simbólicas, subjetivas, e interagindo em projetos de novos cenários de vida. “A estabilidade e eficácia de projetos dependerão de sua capacidade de estabelecer uma definição de realidade convincente, coerente e gratificante - em outras palavras, de sua eficácia simbólica e política propriamente dita” (Velho, 1987: 32).

A eficácia desses projetos que agregam pessoas em torno de certos ideais prevê a ação política como central, aproximando as pessoas da vida pública, a partir da ação coletiva, ou seja, pela força das pessoas ao estarem juntas, vivendo e tomando decisões comunitárias.

Alguns exemplos de caminhos voltados a essa aproximação entre pessoas, mediada por projetos de vida mais significativos e colaborativos são: sistemas de *co-housing*, desenvolvidos em países da Europa e cooperativas de artesãos do Estado do Paraná, Brasil.

O sistema de *co-housing* foi desenvolvido pensando em agrupar pessoas com um projeto de viver em comunidade, compartilhando produtos e serviços. São condomínios, aonde cada família tem sua casa independente, mas com um espaço comum, aonde produtos e serviços são compartilhados, tais como: lavanderias, hortas, carros comunitários. Estes serviços são gerenciados pelos moradores, de acordo com suas habilidades e disponibilidade; assim, uma pessoa pode trabalhar, por exemplo, na horta, administração financeira, planejamento de atividades culturais, jardinagem, *baby-sitter*. Ao compartilhar produtos e serviços, promove-se, em certa medida, a “desmaterialização”, reduzindo o consumo e propiciando a melhoria da qualidade de vida.

As cooperativas populares de produtores, que se organizam para prestar serviços ou produzir bens, também propiciam o desenvolvimento de cenários sustentáveis, baseando-se em contextos locais, usando materiais e tecnologias da região, bem como a valorização de bens comuns e práticas locais, aproximando produtores e consumidores.

Dentre os casos de cooperativas existentes, vale ressaltar as comunidades de artesãos que se baseiam em práticas tradicionais, com referências à cultura local e que contribuem na promoção do bem-estar e qualidade de vida da sociedade, não necessariamente ligada ao *ter*, mas ao *ser* em comunidade.

Dentre alguns trabalhos desenvolvidos em parceria com grupos de artesãos, destaca-se o trabalho realizado ao longo dos anos de 2007 e 2008, com um grupo do Município de Morretes que faz parte da Associação dos Artesãos de Morretes – AARTEM. Esta associação trabalha com fibras vegetais, como: fibra da bananeira, bambu e cipó preto, utilizando técnicas de trançado para a confecção de artefatos artesanais, como: bolsas, cestos, luminárias, descansos de prato, trilhos, pequenos móveis, entre outros.

Localizada a 68 km de Curitiba, no leste do Estado do Paraná, a cidade de Morretes está ao pé da Serra do Mar, cercada pela Mata Atlântica e às margens do Rio Nhundiaquara. Esta posição delimita um lugar cercado pelas montanhas, pelo verde da Mata Atlântica, muitos rios, pequenas propriedades de produtores rurais e um centro histórico com casarões centenários. Este cenário é representado no imaginário de quem vive no local e de muitos turistas que chegam de trem ou pela Estrada da Graciosa, como um “paraíso” aonde se pode desfrutar do estilo de vida “pacato” de uma pequena cidade.

Para compreender a ligação das pessoas com o lugar do qual fazem parte, por nascimento ou escolha de vida, em uma das reuniões com o grupo de artesãos foi aplicado um exercício tentando motivá-los a descrever o Município de Morretes e os significados da vida na cidade.

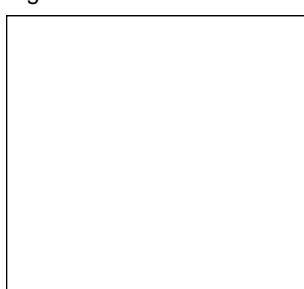
Alguns artesãos expressaram seus sentimentos através de desenhos (fig.1) e outros pela escrita (fig.2).

Figura 1 – Representações da Serra do Mar.



Fonte: arquivo das autoras

Figura 2 – Relato sobre Morretes.



"Morretes p/ mim significa acima de tudo muita tranquilidade. Uma cidade que a vida da gente que mora aqui é diferente só nós que sentimos isso não dá p/ explicar se sente através das coisas lindas que ela oferece"

Fonte: arquivo das autoras

O olhar destes artesãos está muito ligado à natureza e o que esta lhes proporciona: em termos de matéria prima para execução de seus artefatos, como fonte de inspiração na criação e pelo turismo ecológico, que favorece a venda de artesanato que acaba se revertendo em alternativa de renda. Há uma riqueza de significados, signos e valores que fazem parte do cotidiano deste grupo, que busca alternativas para se inserir globalmente, sem, contudo, abandonar o estilo de vida tranqüilo que o ambiente e a tradição lhes ensinou a ter.

Esta interação levou a reflexões sobre como esta comunidade se situa na lógica atual das relações sociais e culturais do capitalismo, e como vem enfrentando as "dificuldades de realizar-se em meio aos conflitos entre diferentes temporalidades históricas que convivem em um mesmo presente" (Canclini, 2003: 83). Este compreender perpassa o processo de construção do conhecimento dos artesãos, as oportunidades geradas pelo lugar de que fazem parte e de como estes transformam e são transformados neste processo, criando novas possibilidades de ação, como, por exemplo, a criação das cooperativas de artesãos e a opção um estilo de vida alternativo, ecológico, que está levando pessoas a optar se deslocar das grandes cidades para viver nesta comunidade.

As histórias e as experiências destas pessoas que consideramos os autores/ atores do processo artesanal se cruzam neste lugar chamado Morretes, em processo de construção da cultura e identidade do lugar. Neste cenário, composto pela diversidade de manifestações sociais, culturais e econômicas, observou-se compartilhamento de conhecimentos e saber fazer local, que liga os artesãos através da produção, circulação de artefatos e da luta cotidiana para a valorização do artesanato na esfera do consumo.

O cotidiano do artesão reflete: a forma como emprega a tecnologia disponível (fig.3); como utiliza o conhecimento tácito para enfrentar e resolver as dificuldades do dia a dia e a forma de lidar com diversidades e diferenças na construção de espaço comunitário. As referências do

aprendizado pela prática, as tecnologias que são repassadas pelas gerações e a simplicidade na solução de problemas cotidianos, apontam para a necessidade de manter um vínculo com a tradição e estilo de vida que respeita a natureza humana e ambiental.

Figura. 3 - Tecnologias utilizadas pelos artesãos de Morretes.



Fonte: arquivo das autoras

Para Bakhtin a existência da vida humana é de natureza dialógica, e para ele neste sentido:

Viver significa tomar parte no diálogo: fazer perguntas, dar respostas, dar atenção, responder, estar de acordo e assim por diante. Deste diálogo, uma pessoa participa integralmente e no correr de toda sua vida: com seus olhos, lábios, mãos, alma, espírito, com seu corpo todo e com seus feitos. Ela investe seu ser inteiro no discurso e esse discurso penetra no tecido dialógico da vida humana, o simpósio universal (apud Faraco, 2003: 73).

Participando do cotidiano e compartilhando do saber fazer destes artesãos percebe-se que vivenciam um processo de afirmação de identidades, que se apresenta desde: a forma de extração da matéria prima; as técnicas de trançado; a circulação dos artefatos; a localização das moradias (que também são os locais de trabalho destes artesãos) (fig.4); mas, especialmente, na busca de reconhecimento e entendimento de seu trabalho.

Figura 4 – local de trabalho.



Fonte: arquivo das autoras

O principal desentendimento apontado pela comunidade refere-se à proibição da extração da matéria prima por alguns órgãos governamentais que regem leis de preservação ambiental. Os artesãos locais são questionados a fazer um trabalho sustentável, no entanto, o entendimento do significado de sustentabilidade diverge dos manuais institucionais. Executam técnicas tradicionais com consciência de fazer uma extração correta, preservando o espaço que utilizam, pois, como dizem, dele depende o trabalho e sustento da família.

A racionalidade técnica, que, por vezes, regulamenta ações humanas de forma homogênea, desconsiderando especificidades de pessoas e seus modos de viver, esquecendo, por vezes, das trajetórias de vida escritas em um tempo e lugar, que significam e dignificam a existência humana coletiva. A história escrita pelos artesãos de Morretes é uma história sustentável, já que, ainda hoje o espaço e estilos de vida continuam com características de uma pequena cidade aonde todos se conhecem e se respeitam, não como um lugar “parado” no tempo, mas, como um lugar que escolheu seu tempo de parar.

Neste sentido, as ações mediadas pelo design, ao mudar o centro de interesse das *coisas* para as *ações*, possibilitam delinear alternativas organizativas que permitam planejar processos de sistemas sustentáveis, inserindo, efetivamente, os atores sociais (produtores e consumidores) neste processo, respeitando culturas, identidades e estilos de vida.

Manzini destaca alguns princípios gerais que delinham um processo de design sustentável: pensar nas implicações e usos antes de fazer projetos; proteger e desenvolver a diversidade biológica, sociocultural e tecnológica, dando maior importância aos produtos artesanais desenvolvidos localmente; reduzir a necessidade do novo. Estas considerações valorizam o contexto social e ambiental, aproximando pessoas e coisas, compartilhando produtos e serviços, dando espaço à natureza e renaturalizando sistemas e produtos (por exemplo: comida cultivada “mais naturalmente”, sem uso de agrotóxicos e em certas condições ambientais – denominada de “orgânica”; móveis feitos artesanalmente, usando matérias primas locais e renováveis – tais como fibras naturais), pois, pela proximidade entre produtores e consumidores, há uma maior integração e valorização do que é comum a todos (2008 : 31 a 33).

Considerações finais: da profanação ao oásis

O imediatismo, vaidades pessoais, a possessividade, falta de condutas cooperativas, o desenraizamento social e falta de compromisso com trajetórias, desenvolvimento físico e espiritual da humanidade, dificultam as transformações necessárias em prol da sustentabilidade.

O mundo deve transcender a existência da humanidade, pois “preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa permanência” (Arendt, 2007 : 65), selando nossos compromissos com quem vive conosco e quem virá depois. Deveria haver uma preocupação não com “o *eu*, mas com o *mundo*”, e a falta desta tem promovido a falta de permanência e a contínua insatisfação em uma sociedade de abundância.

[...] uma economia do desperdício, na qual todas as coisas devem ser devoradas e abandonadas quase tão rapidamente quanto surgem no mundo, a fim de que o processo não chegue a um fim repentino e catastrófico [...]. É como se houvessemos derrubado as fronteiras que distinguiam e protegiam o mundo, o artifício humano, da natureza, do processo biológico que continua a processar-se dentro dele, bem como os processos cíclicos e naturais que o rodeiam, entregando-lhes e abandonando a eles a já ameaçada estabilidade do mundo humano. (Arendt, 2007 : 138 e 147).

Esta sociedade, baseada na abundância, não se fixa em permanências de coisas, mas na futilidade de uma vida, ameaça o equilíbrio humano e da natureza. Os significados da cultura material, portanto, inter-relacionam-se com os significados da própria existência dos sujeitos, salientando-se a importância de se promover sua auto-realização e a extensão da sua satisfação e bem estar, de modo a dar sentido as suas vidas e condutas.

As comunidades de artesãos, como representado pelo caso de Morretes (podendo-se citar também os artesãos de Santa Felicidade, Campo Magro, Guaraquacaba e tantos outros municípios e regiões do Paraná, que passam por processos de afirmação de identidades pelo saber tradicional e prática artesanal), exemplificam formas de estabilização do mundo por vias sustentáveis na forma de viver e se relacionar com a natureza e cultura. A construção da identidade é também influenciada pela consistência da relação das pessoas com a cultura material.

[...] as coisas do mundo têm por função estabilizar a vida humana, e sua objetividade repousa no fato de que os homens, não obstante sua natureza sempre em mudança, podem recobrar sua identidade graças à sua relação com a duradoura identidade dos objetos, com a mesma cadeira, hoje e amanhã, a mesma casa de outrora, do nascimento até a morte. (Arendt, 2005 : 184).

Inseridos na lógica de consumo, os objetos perdem a sua durabilidade, assim como as identidades, que mudam de acordo com interesses, a partir de certas possibilidades. No entanto, a possibilidade de se colocar algo diferente determina uma “vontade de potência”, abrindo para outras potencialidades, pela vontade de ser ou não ser. E a potência não se acaba no ato em si ou na sua realização, mas na perspectiva do contínuo realizar-se e transformar o já dado, ou, retomar a tradição e práticas cotidianas de pequenas comunidades.

Ao se refletir sobre a sustentabilidade e a importância do papel do design no processo de transformação social, é necessário fazê-lo sob uma perspectiva das possibilidades de

transformação de formas de relacionar pessoas e artefatos. E isto coloca em cheque a compreensão do ser vivo, as formas de viver e a criação de espaços de sociabilidade.

Acreditar na potência do homem implica em acreditar em seu poder de emancipar-se do que ele próprio produziu, do individualismo extremo e do consumismo que o capitalismo promove, desenvolvendo novos modos de vida e usos; “profanar” aquilo já tido como sacralizado pelo senso comum. Para Agamben, profanar tem o sentido de mostrar que:

O que está realmente em questão é, na verdade, a possibilidade de uma ação humana que se situe fora de toda relação com o direito, ação que não ponha, que não execute ou não transgrida simplesmente o direito. Trata-se do que os Franciscanos tinham em mente quando, em sua luta contra a hierarquia eclesiástica, reivindicavam a possibilidade de uso das coisas que nunca advém direito, que nunca advém propriedade. E talvez política seja o nome desta dimensão que se abre a partir de tal perspectiva, o nome do livre uso do mundo. Mas tal uso não é algo como uma condição natural originária que se trata de restaurar. Ela está mais perto de algo novo, algo que é resultado de um corpo-a-corpo com os dispositivos de poder que procuram subjetivar, no direito, as ações humanas. Por isto, tenho trabalhado recentemente sobre o conceito de ‘profanação’ que, no direito romano, indicava o ato por meio do qual o que havia sido separado na esfera da religião e do sagrado voltava a ser restituído ao livre uso do homem (2005 : entrevista, Folha de São Paulo).

A idéia do livre uso pode prever o compartilhamento de bens, serviços, a “desmaterialização do design”, ou estilos de vida comunitários, ambos desafios aos designers de novos cenários de vida e perspectivas de interações entre pessoas e destas com artefatos.

Hannah Arendt compara a vida a-mundana ao deserto ao qual somos levados constantemente, por movimentos totalitários ou ajustamentos psicológicos, a nos adaptar, sem poder de questionar e resistir. Uma possível saída seria nos transformarmos em sujeitos atuantes, construindo “oásis no deserto”, ou seja, planejando novos cenários e novas práticas culturais, projetando sistemas de produtos e serviços, promovendo mudanças de comportamento – do consumismo individualista ao compartilhamento coletivo. A ação política, afetividade e paixão são chaves importantes para um processo de mudança, de resistência ao deserto, não se adaptando ao que já está posto e exercendo a liberdade na pluralidade e diversidade humana. Entende-se aqui como liberdade, não só a individual, mas também a coletiva, de participação democrática em um espaço público que assegure o direito da palavra e ação, com compromisso e responsabilidade social. Assim, se nos apresenta uma esperança naqueles ou naquilo “que vem” como uma possibilidade de criar algo novo, novos modos de vida e novas condutas - novos cenários baseados na interação entre as pessoas e destas com o mundo - mediante a “profanação” ou criação de “oásis” nos desertos de insustentabilidades da existência e atual sociedade humana.

Referências

- Agamben, G. 2001. *L'aperto. L'uomo e l'animale*. Trad. por Selvino Assmann. Torino: Bollati Boringhieri.
- _____. 2005. Entrevista concedida à folha de São Paulo, em 18/10/2005. Disponível em: www.geocities.com/vladimirsafatle. Acesso em: 30/04/2009.
- _____. 1991. *La Potenza del Pensiero*. Trad. por Selvino Assmann. Vicenza: Néri Pozza, 2005.
- Appadurai, A.; Kopytoff, I. *La vida social de las cosas: perspectivas culturales de las mercancías*. Mexico: Editorial Grijalbo.
- Arendt, H. 2007. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. 2007. Trabalho, obra, ação. In: *Cadernos de Ética e Filosofia Política*. Disponível em: www.ffch.usp.br. Acesso em: 08 jul. 2007.
- _____. 2006. Del desierto y los oasis. *La Nación*, Suplemento Cultura, 19.11.2006, p. 01. (Trad. por Assmann, S.). Disponível em: www.lanacion.com.br. Acesso em: 01 dez. 2006.
- Bauman, Z. 1999. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bourdieu, P. 1990. *The logic of practice*. Cambridge: Polity Press.
- _____. 2007. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP.
- Galimberti, U. 2005. *A emergência tecnológica e a passagem da cosmo-polis para a tecno-polis*. In: *Psiche e techné. O homem na idade da técnica*. São Paulo: Paulus.
- _____. 2003. *A ética na idade da técnica*. Entrevista. Trad. por Selvino Assmann. Disponível em: www.socialisti.net/caffe/intergalimberti.htm. Acesso em: 13 jul. 2003.
- Hall, St. 2003. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Heidegger, M. 1997. *A Questão da Técnica*. São Paulo: EDUSP. (Cadernos de Tradução).
- Manzini, E.; Vezzoli, C. 2002. *O desenvolvimento de Produtos Sustentáveis*. Os Requisitos Ambientais dos Produtos Industriais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Manzini, E., Jegou, F. 2003. *Sustainable everyday*. Scenarios of Urban Life. Milano: Edizioni Ambiente.

- Margolin, Victor. 1997. Getting to know the user. In: *Design Studies*, v.18, n. 3.
- _____. 1998. O design e a situação mundial. *Revista Arcos Design*. Cultura material e visualidade. Rio de Janeiro: Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Design ESDI/UERJ, pp. 40-49.
- Ono, Maristela M. 2006. *Design e cultura: sintonia essencial*. Curitiba: Edição da autora.
- Simmel, Georg. 2002. *Sobre la individualidad y las formas sociales*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes.
- Velho, Gilberto. 1987. *Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Velho, Gilberto. 2003. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Vezzoli, Carlo. 2009. *Entrevista, UNEB – pós-design*. Disponível em: http://www.posdesign.com.br/designer_03.asp. Acesso em: 27 mar. 2009.

Notas

1 Definimos artefatos como a parte material da cultura – vestimenta, móveis, objetos, etc., não descolados do aspecto imaterial que representam, uma vez que carregam significados culturais, e são constantemente re-significados no cotidiano das pessoas e sociedades.

ⁱ UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil, mariuzem@yahoo.com.br.

ⁱⁱ UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil, jusmeri2002@yahoo.com.br.

ⁱⁱⁱ UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil, maristelaono@gmail.com.